

≡ ▲ ▼
CURADOR
VISITANTE

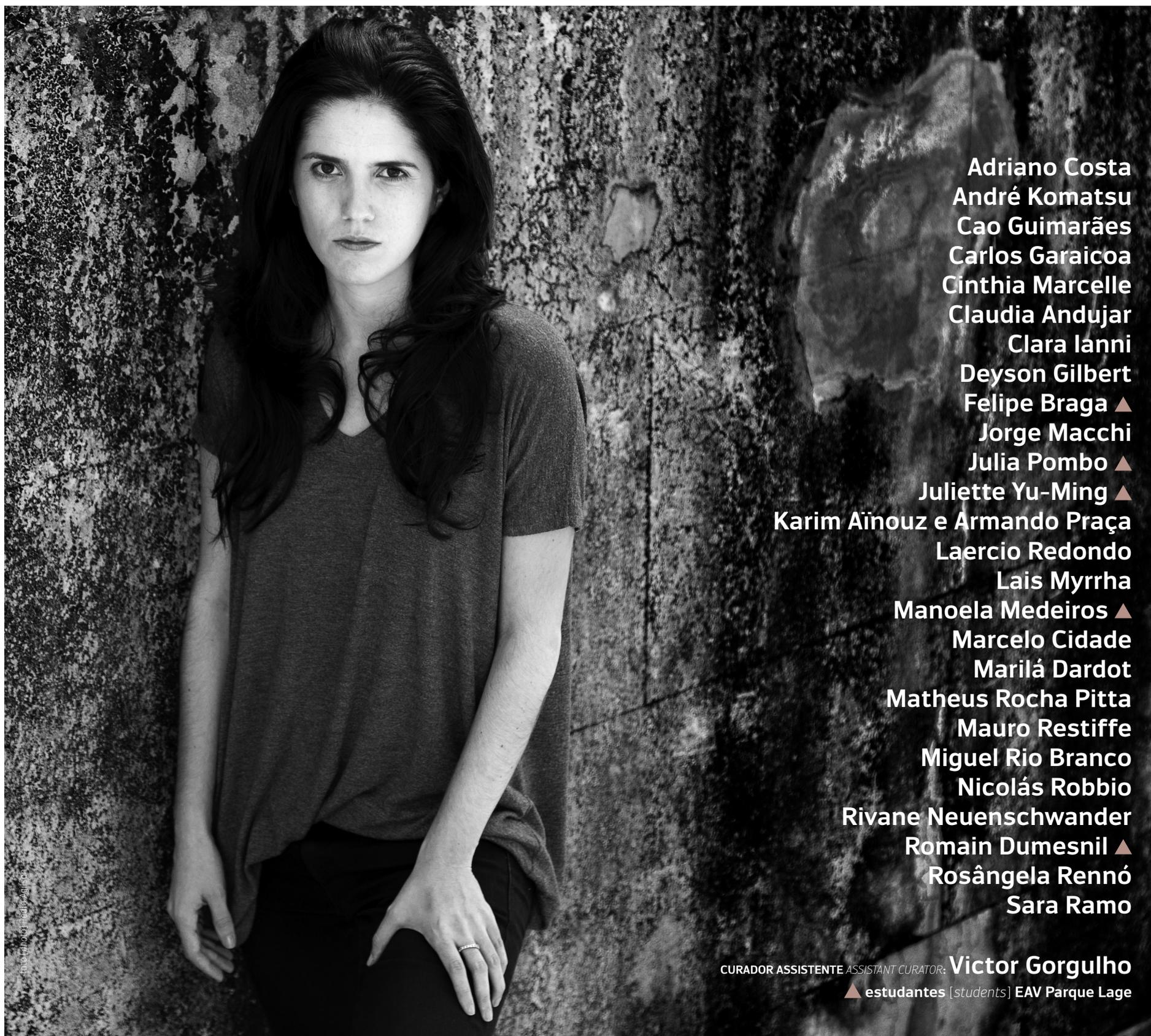
Luisa
Duarte

Quarta-feira de cinzas

08/09 → 08/11/2015

Ash Wednesday

09/08 → 11/08/2015



Adriano Costa
André Komatsu
Cao Guimarães
Carlos Garaicoa
Cynthia Marcelle
Claudia Andujar
Clara Ianni
Deyson Gilbert
Felipe Braga ▲
Jorge Macchi
Julia Pombo ▲
Juliette Yu-Ming ▲
Karim Aïnouz e Armando Praça
Laercio Redondo
Lais Myrrha
Manoela Medeiros ▲
Marcelo Cidade
Marilá Dardot
Matheus Rocha Pitta
Mauro Restiffe
Miguel Rio Branco
Nicolás Robbio
Rivane Neuenschwander
Romain Dumesnil ▲
Rosângela Rennó
Sara Ramo

CURADOR ASSISTENTE ASSISTANT CURATOR: **Victor Gorgulho**
▲ estudantes [students] EAV Parque Lage

Conversa entre
Lisette Lagnado,
diretora da Escola de
Artes Visuais do Parque Lage,
e **Luisa Duarte**,
terceira convidada do programa
Curador Visitante

Lisette Lagnado: Você participou do mapeamento do Programa Rumos Visuais do Itaú Cultural, em 2005. Como compara a experiência de viajar pelo Brasil e identificar talentos promissores para o Rumos com o Programa Curador Visitante, que consiste em dar um curso de curta duração e acompanhar projetos de estudantes na Escola de Artes Visuais do Parque Lage? Você diria que adquiriu, dez anos depois, a capacidade que caracteriza o curador de fazer escolhas no escuro, quando o trabalho ainda não está pronto?

Luisa Duarte: Vive-se, hoje, uma ansiedade generalizada pela busca de novos nomes, não só no campo da arte, mas na sociedade como um todo. Se tal lógica já é questionável em quase todos os campos, no da arte torna-se ainda mais complexo. Nesse território, crescer em público, com demandas de mercado, curadores etc., pode atropelar etapas importantes para o amadurecimento de uma investigação genuína. A ânsia pela novidade na arte faz com que se procure o novo pelo novo, erro maior.

Dito isso, as duas experiências citadas são muito diversas. No Rumos, o grupo de curadores estava completamente voltado para a tarefa de dar visibilidade a talentos ainda não conhecidos do público, jovens ou não. O ato de viajar, sair da sua zona de conforto, com esse intuito, ajuda muito. Compararia esse trabalho de campo do curador com uma residência artística, quando se tem a chance de ocupar a maior parte do tempo somente com sua própria pesquisa.

O caso do programa Curador Visitante, da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, é diferente. O escopo é menos amplo e há um tema que, de alguma forma, guia a busca de artistas/estudantes ou serve, ao menos, para provocá-los a pensar e apresentar suas ideias. É uma troca rica, um gatilho que me estimulou a realmente saber o que se passa e olhar para as pesquisas de cada um não somente como estudantes de arte, mas como artistas em formação. O desafio vale para ambos os lados e permite a emergência de uma interlocução fértil. Aqui, preciso citar um colega, o curador Gabriel Bogossian, que cumpre um papel importante na construção do pensamento desta exposição.

Se eu adquiri a capacidade de “fazer escolhas no escuro” desde o Rumos? Acredito que, em boa parte, sim. Um projeto do qual fui curadora nesse intervalo, as residências da Red Bull em São Paulo, foi decisivo. Convidei, por exemplo, Adriano Costa, Clara Ianni e Deyson Gilbert a participar quando nenhum deles tinha visibilidade nem galeria na época. De lá para cá, entraram em bienais e são conhecidos de todo o circuito da arte. Hoje integram a exposição “Quarta-feira de cinzas”.

LL: Cite uma grande exposição que mudou sua maneira de ver a arte.

LD: Uma seria injusto. Posso citar “Louise Bourgeois”, no Brooklin Museum, em 1994, e Leonilson, no CCBB do Rio de Janeiro em 1995-96, quando eu tinha uns 15 anos. São artistas que lidam com certa fragilidade humana, na mão inversa de uma herança construtiva brasileira com a qual convivi desde pequena devido à atuação crítica do meu pai, Paulo Sergio. Experimentar a possibilidade de romper esse paradigma gerou, sem dúvida, um impacto na minha maneira de compreender a arte. Note que, embora cruciais, as linhagens de Louise Bourgeois ou Leonilson não orientam meu trabalho crítico.

LL: Fragilidade e perda das utopias são temas recorrentes na tua escrita. Há esperança ou, como diz o poeta Carlos Drummond, trabalhas sem alegria para um mundo caduco onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo? E se há esperança, onde ela está? O que esperar?

LD: Penso que a perda das utopias trouxe consequências para a arte contemporânea e, desde o início da minha trajetória como curadora, esse foi um território que me despertou um interesse genuíno. Fui, então, pesquisar os desdobramentos. A queda do Muro de Berlim, em 1989, é um marco histórico. O Brasil só passa a sentir os efeitos dessa onda na década de 1990. Se, por um lado, tivemos ganhos com a estabilidade da moeda via Plano Real, vem, ao mesmo tempo, com o governo FHC, toda a engrenagem característica do regime neoliberal, propagando um individualismo e uma competitividade extremos na contramão da luta coletiva por uma sociedade mais igualitária.

O trecho do poema “Elegia” (1938), de Drummond, que você cita, foi muito importante no processo conceitual desta exposição; é belíssimo e fica ainda mais quando declamado por Caetano Veloso. Acredito que boa parte da fragilidade humana que aparece em minhas pesquisas, textos e curadorias provém de um embate diário com um contexto contemporâneo no qual a incerteza é o solo onde pisamos. É uma condição que gera desafios, e um deles, a meu ver, é assumir a própria fragilidade e transmutá-la em alguma forma de potência. Existe hoje uma liberdade para se assumir frágil, exposto, incerto, diferentemente do tempo em que pregava o

discurso da modernidade, pautado mais por certezas do que dúvidas.

Se há esperança? Não estaria escrevendo se tivesse (des)esperado. Ou seja, deixado de esperar, de crer no futuro. Mas o futuro já não é mais o que era. Não é mais um tempo que nunca chega. É um tempo em que passado e memória são formas cansadas, e o presente nunca termina e ainda é vazio. Essa é a batalha que se coloca agora, o alimento para pensar junto e o motor para manter a confiança em uma vida boa, mesmo estando imerso nessa zona cinzenta, na qual é preciso caminhar como que dentro de um nevoeiro.

[...] embora cruciais,
as linhagens de Louise
Bourgeois ou Leonilson
não orientam meu
trabalho crítico

Hoje, nossos gestos mais íntegros, verticais, parecem se desmanchar, nossas palavras esperançosas recebem um contraponto cruel em uma época que faz o elogio incessante da “eficácia”, da “competência”, da “agilidade”, retirando de ambos – gestos e palavras – a sua vida e poder próprios, autônomos. Tudo opera para que nos adequemos ao que está aí, fazendo-nos crer que qualquer desejo de transformação estrutural não passa de ingenuidade. Podemos facilmente nos somar à legião de zumbis ventríloquos.

Como, em meio a isso, a arte pode apontar para alguma zona de autonomia? Como habitar o presente, criar um futuro mais palpável, e escapar do tempo fadado à repetição, homogêneo, circular, serializado? O tempo da subjetividade botox é repetitivo na mesma medida em que os objetos que se acercam dela são “eternos”, porque infinitamente substituíveis – eternos porque infinitamente descartáveis. A eternidade promovida pelos ciclos brevíssimos de consumo é a suspensão do futuro; permanecemos na cíclica manutenção do presente, em um tempo em que se pretende sem máculas nem rachaduras, evidentemente sem passado. (Boris Groys chama esse tempo de “tempo da mídia”). O problema é: como lhe opor outras temporalidades, diversas dessa que impera e nos desidrata de dentro?

Eis algumas questões que me inquietam, que têm como ponto de partida a época pós-utópica, e

que desaguam em um tempo entrópico no qual estamos constantemente concentrados e distraídos, submersos numa "frenética imobilidade", para lembrar a expressão de Octavio Paz. Nela perdemos de vista o sentido de nossos passos. Acho que a arte é a maior chance de reencontro, ou de vínculo possível, com um sentido, uma esperança, para um mundo melhor do que aquele em que vivemos. Não por ela portar alguma "solução", mas por ser um canal que nos conecta, de fato, com as nossas potências e urgências em meio a um contexto que faz de tudo para que prevaleça a "vida nua", para usar a expressão de Giorgio Agamben. Ou seja, uma vida vivida em sua mera esfera biológica, alienada de suas potências criadoras, inventivas, transformadoras.

LL: Cientistas políticos afirmam que a civilização está atravessando um ciclo regressivo. "Quarta-feira de cinzas" é uma alusão à ressaca depois dos excessos de uma festa. Na reflexão teológica, é o dia em que se pratica a abstinência. A gente sabe que se privar requer uma disciplina, não é para qualquer um. A ascese abre, nesse sentido, uma conexão para o sublime. Fale um pouco das obras na exposição que tratam de estados de êxtase ou, simplesmente, de vida espiritual.

LD: Concordo, a civilização parece estar passando por uma regressão, na qual forças conservadoras surgem claramente com força. Basta ver o Congresso Nacional nos dias de hoje no Brasil, colocando em risco conquistas democráticas imensas, sem dúvida essa sombra acaba por criar uma atmosfera que repercute na escolha do título dada para a presente exposição.

Mas "Quarta-feira de cinzas" tem a sua primeira inspiração, de fato, no vídeo homônimo de Rivane Neuenschwander e Cao Guimarães, de 2006, em que formigas (note, formigas como protagonistas! Isso diz bastante sobre outro registro, diverso do moderno) fazem a sua festa com confetes coloridos em meio ao ocaso melancólico de uma quarta-feira de cinzas, com um samba lento tocando ao fundo. O trabalho de Rivane e Cao surge como uma origem importante do pensamento aqui desenvolvido, embora não se encontre na exposição. Por ser uma obra já bastante exibida, preferi escolher outras obras de Cao e Rivane, separadamente. Como referências, trabalhei também com Manuel Bandeira (*Poema de uma quarta-feira de cinzas*) e T.S Elliot, que escreveu o belíssimo *Ash Wednesday*.

A humanidade e o planeta vivem uma ressaca. Cem anos atrás, Walter Benjamin já tratava do fim da experiência (*Erfahrung*) e do aparecimento da vivência (*Erlebnis*). A experiência era possível quando as trocas coletivas ainda eram presentes, quando algo vivido por uma geração podia ser transmitido àquela que viesse em seguida, pois o sentido das coisas tinha uma duração. Diante da aceleração do tempo, das mudanças, dos choques a que somos submetidos nas grandes cidades, as

relações se esgarçam, a memória encurta, e já não existe a possibilidade de transmitir de uma geração a outra algum tipo de conselho que tenha validade, uma vez que tudo se transforma drasticamente. Cabe sublinhar que os conceitos de Benjamin nada têm a ver com o modo como tais palavras serão empregadas nos anos 1960 e 1970 por Lygia Clark e Hélio Oiticica, quando falam em "proposições vivenciais" e "experimentar o experimental".

Mesmo assim, é uma
 mostra na contramão do
 espetacular, buscando
 cultivar, isso sim,
 a delicadeza

Quanto à ascese, o sublime, minha exposição não traz exemplos claros. Mesmo assim, é uma mostra na contramão do espetacular, buscando cultivar, isso sim, a delicadeza. As obras, em sua maioria, são silenciosas, quase melancólicas, ou monocromáticas, "lentas". Solicitam um segundo olhar. Se isso será suficiente para canalizar uma atmosfera diversa, somente a própria exposição poderá responder.

LL: Então, nessa perspectiva, a "quarta-feira de cinzas" deixa de significar "ressaca" para anunciar um tempo menos niilista?

LD: "Quarta-feira de cinzas" busca olhar para momentos em que o tempo claudica, gira em falso, volta sobre si mesmo, torna-se labiríntico, sem finalidade. Quem sabe a exposição possa estancar, mesmo que brevemente, essa frenética corrida que, na realidade, nos devolve um imenso vazio de sentido no lugar de permitir que nos tornemos mais sujeitos de nosso próprio tempo e do significado de nossas ações para o mundo em que vivemos.

PROGRAMAÇÃO

21 de setembro (segunda-feira)
Conversa com Matheus Rocha Pitta
 Local: Gruta
 Hora: 19h

24 de setembro (quinta-feira)
Performances de Manoela Medeiros
(Deslocamento de paisagem) e **Julia Pombo**
(Entre o que se faz e o que se pode fazer [Ação 5])
 Local: Entorno do Palacete
 Hora: a partir de 18h

24 de setembro (quinta-feira)
Cine Lage
 Local: Jardim, junto do Chafariz
 Hora: 19h

Filmes:
Brasília: contradições de uma cidade nova, 1967,
Joaquim Pedro de Andrade, 22'

Nada levarei quando morrer. Aqueles que me devem cobrarei no Inferno, 1981,
Miguel Rio Branco, 19'

Limbo, 2011, **Cao Guimarães**, 17'

Paradox of Praxis 1
(Sometimes making something leads to nothing), 1997,
Francis Alÿs, 5'

27 de outubro (terça-feira)
Conversa entre a curadora Luisa Duarte e Lisette Lagnado, diretora da EAV Parque Lage.
 Com a participação da artista **Rosângela Rennó**.
 Local: Salão Nobre
 Hora: 19h

30 de outubro (sexta-feira)
Palestra da psicanalista e ensaísta Maria Rita Kehl sobre "Aceleração e depressão"
 Local: Salão Nobre
 Hora: 19h

5 de novembro (quinta-feira)
Celebração de encerramento da exposição
 Local: Pátio da Piscina
 Hora: 19 às 23h

Conversation between
Lisette Lagnado,
 director of Escola de
 Artes Visuais do Parque Lage,
 and **Luisa Duarte**,
 the third guest curator in the
 Visiting Curator program

Lisette Lagnado: You took part in the mapping of Itaú Cultural's Rumos Visuais (Visual Paths) cultural program in 2005. How would you compare the experience of traveling around Brazil to identify promising talent for the Rumos program with the Visiting Curator Program, which consists of giving a short course and monitoring students' projects at Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV)? Would you say that ten years later you've acquired the curator's capacity to take shots in the dark when the work isn't ready yet?

Luisa Duarte: There's a widespread angst to find new names today, and not just in the field of arts, but in society as a whole. If this logic is decidedly questionable in almost all areas, in the art world it's even more complex. Here, developing in the public gaze, with demands from the market, curators etc. can hamper important stages in the maturing of genuine investigative work. The appetite for novelty in art makes people look for something new just because it's new, which is a bigger mistake.

This said, the two experiences you mention are very different from one another. In Rumos, the group of curators was completely dedicated to the task of showcasing previously unknown talent, young or not. Traveling, leaving your comfort zone for this purpose, actually helps a lot. I would compare this fieldwork of a curator with an art residency, when you have the opportunity to spend most of your time simply focused on your own research.

The case of the Visiting Curator program at EAV is different. The scope is narrower and there's a theme that, at least in some ways, guides the artists'/ students' quest, or at least prompts them to think about and present their ideas. It's an enriching exchange, a catalyst that stimulated me to really find out what was going on and look at each person's research not just as an art student, but also as a budding artist. The challenge is worthwhile on both sides, and provides fertile ground for wide-ranging discussion and debate. I should just mention a colleague, curator Gabriel Bogossian, who's been crucial for helping formulate the conception of this exhibition.

Have I acquired the ability to "take shots in the dark" since Rumos? I would say that I probably have. A project I curated in the interim, Red Bull residencies in São Paulo, was decisive. For example, I invited Adriano Costa, Clara Ianni, and Deyson Gilbert to take part, when none of them were known at all or represented by a gallery. Since then, they've taken part in biennials and are known throughout the art circuit. And they're also in the "Ash Wednesday" exhibition.

LL: Could you give an example of an important exhibition that changed your way of looking at art?

LD: Just one wouldn't be fair. I would say "Louise Bourgeois" at the Brooklyn Museum in 1994, and Leonilson at CCBB in Rio de Janeiro in 1995-96, when I was about 15. These are artists that deal with certain aspects of human frailty, quite different than the Brazilian constructivist legacy I had lived with since I was little, due to my father Paulo Sergio's work as a critic. Experiencing the possibility of breaking away from this paradigm certainly had an impact on my way of understanding art. Even so, although they were crucial, the lineages of Louise Bourgeois or Leonilson do not guide my critical work.

LL: Frailty and the loss of utopias are recurring themes in your writing. Is there any hope or, as the poet Carlos Drummond said, you work without joy for a worn-out world, whose forms and actions set no example? And if there is hope, where is it? What can actually be hoped for?

LD: I think that the loss of utopias has had consequences for contemporary art, and since the beginning of my journey as a curator this has been an area that has really attracted my interest. That's why I decided to research its repercussions. The fall of the Berlin Wall in 1989 is a historic landmark. Brazil only began to feel the effects of this wave in the 1990s. If on the one hand we benefitted from the stability of our currency with the Plano Real, on the other hand, the government of FHC [Fernando Henrique Cardoso] introduced all the features of neoliberalism, with individualism at the forefront and extreme competitiveness running contrary to the collective fight for a more egalitarian society.

The part of the poem "Elegia" (1938) by Drummond that you cited was extremely important in the conceptual process of this exhibition; it's beautiful, and even more so when recited by Caetano Veloso. I believe that most of the human frailty revealed in my research, texts, and work as a curator stems from the daily clash inherent to a contemporary context in which uncertainty is the ground on which we stand. It's a condition that throws up challenges, and one of them, in my view, is admitting one's own frailty and transforming it into some form of potency. Nowadays we have the freedom to admit that we are frail, exposed, uncertain, quite different than the time when the discourse of modernity prevailed, which was driven more by certainties than doubts.

Is there any hope? I wouldn't be writing if I had no hope; if I'd given up hoping, believing in the future. But the future is no longer what it used to be, a time that never comes. It's a time when the past and memories are worn out forms, and the present never ends and yet it's still empty. This is the battle we're fighting now, the food for us to think about together, and the driving force for us to continue to believe in the possibility of a good life, even when we're immersed in this grey zone, where we find our way about as if in a fog.

Nowadays our most upstanding, upright gestures seem to fade away; our words of hope are crushed at a time that endlessly praises "efficiency", "competence", "agility", taking from both – gestures and words – their very life force and power. Everything is set up to make us fit into what's already out there, making us believe that any desire for structural change is nothing more than naivety. We can so easily just join the legion of ventriloquist zombies.

How, in the midst of all this, can art point to some zone of autonomy? How can we live in the present, create a more palpable future, and escape this time doomed to repetition, homogeneity, circularity, serialization? The time of botox subjectivity is repetitive, just as the objects that surround themselves with it are "eternal", as they can be substituted infinitely – eternal because they are infinitely disposable. The eternity brought about by the extremely short consumer cycles is merely a way to suspend the future. We are stuck in the cyclical maintenance of the present, at a time that would be free of blemishes or cracks, clearly with no past. (Boris Groys calls this the "time of the media".) The problem is: how to offset it against times other than this prevailing time that dries us out from within?

These are some of the questions that concern me. They begin with the post-utopian era and flow into this entropic time when we're forever concentrated and distracted, submerged in a "frenetic immobility", to quote Octavio Paz. We lose sight of the sense of any steps we take. I think art is the best chance we have of rediscovering, or finding a possible link, with a meaning, a hope, for a better world than the one we live in. Not that art has some "solution", but it can act as a channel that really connects us with our inherent power and real needs in a context that does everything possible to ensure that only "bare life" prevails, to use an expression coined by Giorgio Agamben. I mean, life lived merely within on a biological level, alienated from its creative, inventive, and transformative powers.

LL: Political scientists say that civilization is going through a regressive cycle. "Ash Wednesday" is an allusion to the hangover after the excesses of a party. From a theological standpoint, it's the day on which we practice abstinence. We know that for privation a degree of discipline is required, and it's

not something anyone can do. In this sense, ascesis forges a connection with the sublime. Talk a little about the works in the exhibition that deal with states of ecstasy or simply spiritual life.

LD: I agree, civilization appears to be going through a regressive phase, with conservatism clearly a leading tenet. Just look at the National Congress in Brazil today, putting such important democratic progress at risk. The shadow cast by this certainly ended up creating an atmosphere that affected the choice of title for this exhibition.

But "Ash Wednesday" was actually first inspired by the video of the same name by Rivane Neuenschwander and Cao Guimaraes, made in 2006, in which ants (note that ants are the protagonists, which says a lot about another register quite different from the modern) have a party with colored confetti during the rather melancholy occasion of Ash Wednesday, with slow samba playing in the background. The work of Rivane and Cao served as an important starting point for the line of thought I've developed here, although it doesn't appear in the exhibition. Because it's so well known, I preferred to choose other individual works by Cao and Rivane. As references, I also worked with Manuel Bandeira (*Poem for Ash Wednesday*) and T.S Elliot, who wrote the beautiful *Ash Wednesday*.

Humanity and the planet are hung over. A hundred years ago, Walter Benjamin was already writing about the end of experience (*Erfahrung*) and the emergence of living (*Erlebnis*). Experience was possible when collective exchanges were still present, when something experienced by a generation could still be passed on to the next one, because the sense of things was lasting. With the acceleration of time, the changes and the shocks we undergo in big cities, relationships are dimmed, memories shortened, and there is no longer the possibility of passing on anything like sound advice

from one generation to another, as everything has altered so drastically. It's worth underscoring that the concepts of Benjamin have nothing to do with the way these words were used by Lygia Clark and Hélio Oiticica in the 1960s and 1970s, when they spoke of "living experiences" and "experimenting with the experimental".

Regarding ascesis and the sublime, my exhibition doesn't show any clear examples. Even so, it's an exhibition that runs contrary to the spectacular, really seeking to cultivate delicacy. Most of the works are silent, almost melancholic, or monochromatic, and "slow". They need a second look. Whether this will be enough to channel a different atmosphere, only the exhibition itself can say.

LL: So, from this perspective, "Ash Wednesday" shifts from meaning "hangover" to foretelling a less nihilistic era?

LD: "Ash Wednesday" aims to look for moments when time stutters, starts spinning, doubles back on itself, becomes labyrinthine, purposeless. Maybe the exhibition can halt, even just for a moment, this frenetic race we run, which actually only makes us feel an immense void, rather than allowing us to become real subjects of our own time, and perceive the significance of our actions in the world we live in.

Visiting Curator

The Visiting Curator program was devised as a way of fostering greater dialog between Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) and the city's artistic community and calendar of cultural events.

Five curators are invited each year to give a short (two-month) course on a subject of interest to them, which results in an exhibition held in a variety of spaces, like the Cavalariças gallery and the chapel, different rooms in the mansion, the courtyard around the swimming pool, the rooftop terrace, the tower and grotto in the gardens, and other areas of trails and forest.

The exhibitions show the work of established artists and at least five student artists from EAV,

who receive critical supervision throughout the course. The idea is to broaden the school's scope by putting different generations in contact with one another.

The fact that the exhibitions are not held in traditional spaces or neutral environments means that research has to be done into the specific nature of the listed buildings and grounds that have been home to EAV since 1975. Structured as a laboratory, the exercise also provides a platform for young curators, and gives them the chance to join the teaching staff of an art school and engage in experimental research without having to worry about market demands.

The guest curators in 2015 are Bernardo Mosqueira, Bernardo José de Souza, Luisa Duarte, Daniela Labra, and Marta Mestre.

PROGRAM SCHEDULE

September 21 (Monday)

Conversation with Matheus Rocha Pitta

Place: the grotto

Time: 7pm

September 24 (Thursday)

Performances by Manoela Medeiros

(*Deslocamento de paisagem*)

and Julia Pombo

(*Entre o que se faz e o que se pode fazer [Action 5]*)

Place: in the grounds surrounding the mansion

Time: 6pm

Cine Lage

Place: in the gardens, near the fountain

Time: 7pm

Films:

Brasília: contradições de uma cidade nova – 1967,

Joaquim Pedro de Andrade, 22'

Nada levarei quando morrer. Aqueles que me devem

cobrarei no Inferno – 1981,

Miguel Rio Branco, 19'

Limbo – 2011, **Cao Guimarães**, 17'

Paradox of Praxis 1

(*Sometimes making something leads to nothing*) – 1997,

Francis Alÿs, 5'

October 27 (Tuesday)

Conversation between curator Luisa Duarte and Lisette Lagnado, diretor of EAV Parque Lage, with the participation of the artist **Rosângela Rennó**.

Place: Main Hall

Time: 7pm

October 30 (Friday)

Lecture by psychoanalyst and essayist, Maria Rita Kehl, on "Acceleration and depression"

Place: Main Hall

Time: 7pm

November 5 (Thursday)

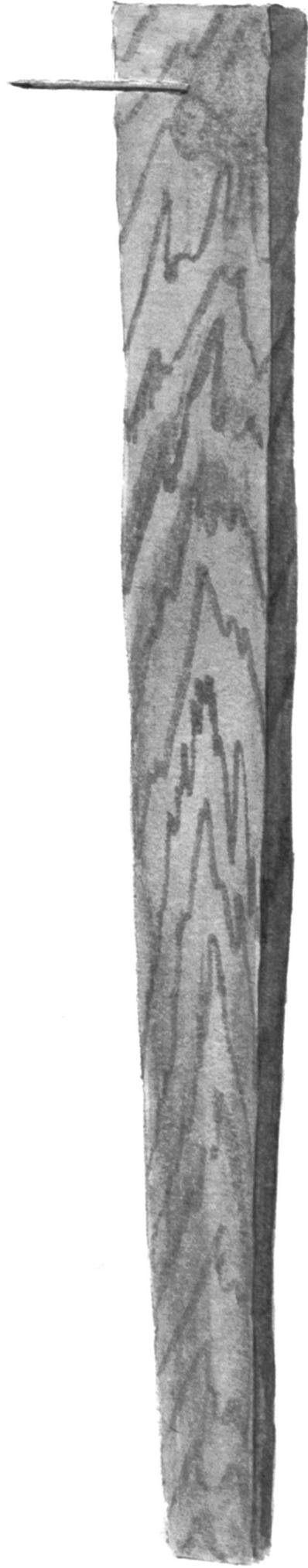
Exhibition closing ceremony

Place: swimming pool patio

Time: 7pm to 11pm



Nicolás Robbio, *Crônica das Índias*, 2011
Imagem Rafael Cañas



CURADOR VISITANTE

O Programa "Curador visitante" foi concebido para ampliar o diálogo da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage com a comunidade artística e a agenda cultural da cidade.

Cinco curadores por ano são convidados a ministrar um curso de curta duração (dois meses) sobre um assunto de seu interesse, que resulta em uma exposição realizada em espaços de natureza heterogênea, tais como as Cavalariças e a Capela, salas do Palacete, o pátio da Piscina e o Terraço, além da Torre e da Gruta nos jardins, e em outras áreas de trilha e da floresta.

A exposição contempla nomes já consolidados e insere pelo menos cinco artistas em formação no ano letivo, que recebem um acompanhamento crítico ao longo do curso. Acredita-se na convivência de várias gerações para multiplicar o alcance da escola.

Por ser uma mostra que não acontece em um espaço tradicional e ambiente neutro, requer uma investigação das especificidades do complexo histórico e tombado onde funciona a EAV desde 1975. Estruturado como um laboratório, o exercício permite, ainda, que jovens curadores ganhem maior visibilidade, integrem o corpo docente de uma escola de arte e desenvolvam uma linha de pesquisa experimental, sem preocupações com demandas do mercado.

Curadores convidados para 2015: Bernardo Mosqueira, Bernardo José de Souza, Luisa Duarte, Daniela Labra e Marta Mestre.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

[Rio de Janeiro State Government]

Governador [Governor]
Luiz Fernando Pezão

Vice-Governador [Lieutenant Governor]
Francisco Dornelles

Secretaria de Estado de Cultura [Rio de Janeiro State Culture Secretariat]

Secretária de Estado de Cultura [State Secretary of Culture]
Eva Doris Rosental

Subsecretária de Relações Institucionais [Undersecretary of Institutional Affairs]
Olga Campista

Subsecretário de Planejamento e Gestão [Undersecretary of Planning and Management]
José Elano de Assis Junior

Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Diretora [Director]
Lisette Lagnado

Comissão de Ensino [Teaching Committee]
Fernando Cocchiarale
Helio Eichbauer
Roberto Conduru

Comissão de Projetos e Eventos [Projects and Events Committee]

Guilherme Coelho
Marcos Chaves
Ronaldo Lemos
Tania Rivera
Xico Chaves

Coordenadora de Ensino [Teaching Coordinator]
Tania Queiroz

Supervisora de Ensino e Educativo [Teaching and Education Supervisor]
Vanessa Rocha

Assistente de Ensino [Teaching Assistant]
Thais Sousa

Programa Educativo [Education Program]

Coordenadora de Pesquisa e Formação [Research and Training Coordinator]
Cristina de Pádula

Coordenadora Executiva de Projetos e Eventos [Projects and Events Executive Coordinator]
Rosa Melo

Equipe de Produção [Production Team]
Laara Hügel
Renan Lima

Supervisor de Captação de Recursos [Fundraising Supervisor]
Naldo Turl

Supervisora de Comunicação [Communication Supervisor]
Gisela Pereira

Coordenadora do Núcleo de Arte e Tecnologia e Oficinas de Imagem Gráfica [Coordinator, Art and Technology Unit and Graphic Image Workshops]
Tina Velho

Supervisor Técnico das Oficinas de Imagem Gráfica [Technical Supervisor, Graphic Image Workshops]
Roberto Tavares

Biblioteca [Library]
Curadora Residente [Resident Curator]
Beatriz Lemos
Assistente [Assistant]
Rubia Luiza da Silva

OCA LAGE

Presidente [President]
Marcio Botner

Presidente do Conselho [Chairman of the Board]
Paulo Albert Weyland Vieira

Vice-Presidente do Conselho [Vice-Chairman of the Board]
Fabio Szwarcwald

Diretor Administrativo e Financeiro [Administrative and Financial Director]
Artur E. P. Miranda

Gerente Administrativo e Financeiro [Administrative and Financial Manager]
Rosana Ribeiro

Gerente de Eventos e Projetos [Project and Event Manager]
Marcus Wagner

Assessora de Comunicação [Communications Officer]
Rachel Korman

Assessoria de Imprensa [Press Relations]
CWeA

EXPOSIÇÃO [EXHIBITION]

Curadoria [Curator]
Luisa Duarte

Curador Assistente [Assistant Curator]
Victor Gorgulho

Design Gráfico [Graphic Designer]
Roberto Unterladstaetter

Fotografia [Photographer]
Pedro Agilson

Assistente de Produção [Production Assistant]
Adriana Simões

Revisão de texto [Proofreader]
Rosalina Gouveia

Tradução [Translator]
Rebecca Atkinson

Sinalização [Signage]
Buritis Design
Gouvêa Artes

Produção Gráfica [Print Production]
Sidnei Balbino

Impressão gráfica [Printer]
Conta-Fios Serviços Gráficos Ltda

Expografia [Expography]
Alvaro Razuk Arquitetura
Alvaro Razuk, Isa Gebara,
Marcus Vinicius Santos,
Ricardo Amado

Iluminação [Lighting]
Rogério Emerson Magalhães
Felipe Lourenço

Montagem [Exhibition Assembly]
Victor Monteiro
Yoann Saura

Equipe de Restauro e Manutenção dos Espaços Expositivos [Restoration and Maintenance of Exhibition Spaces]
Janir Pires
Jorge Monteiro
Nilton Madeira
Roberto Nilton

Eletricista [Electrician]
Homero Gomes

Agradecimentos [Acknowledgements]

Carolina Jabor
Daniela Fortes
Joana Braga
Julia Favaron Magoulas
Tomás Ribas
Coleção [Collection]
Magnus Lima, São Paulo
John Austin | Austin
Desmond Fine Art, London
Galeria Vermelho, São Paulo
Galeria Fortes Vilaça, São Paulo
Galeria Mendes Wood DM, São Paulo
Galeria Luisa Strina, São Paulo
Galeria Nara Roesler, São Paulo e Rio de Janeiro
Galeria Millan, São Paulo
Galeria Sílvia Cintra + Box 4, Rio de Janeiro

Agradecimento especial [Special acknowledgement]

Gabriel Bogossian



SECRETARIA DE CULTURA



Gestão CFB/EAV

oca Lage

Patrocínio



Ministério da Cultura



SOMANDO FORÇAS

10 ANOS
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE